

Comida e classificações: homens e mulheres em famílias camponesas¹

Josiane Carine Wedig
Renata Menasche

“Eu acho que os homens comem comida mais forte que as mulheres... Eles comem mais carne, gostam mais do feijão e as mulheres não gostam tanto disso”. (Mathilde, 80 anos)²

Resumo: Compreendendo que a comida, para além de sua materialidade, envolve sentidos simbólicos, é que traçamos paralelos entre as classificações que organizam o lugar dos vários componentes na hierarquia familiar e aquelas que ordenam suas práticas alimentares. Tomamos como referência estudos anteriormente empreendidos na temática, para analisar dados obtidos em pesquisa etnográfica realizada junto a famílias camponesas.

Palavras-chave: Gênero. Comida. Campesinato.

Abstract: Food and Classifications: men and women in peasant families

The authors depart from the idea that food comprises symbolic meanings beyond its material characteristics. They trace a parallel between classifications that organize the place

Josiane Carine Wedig. Bacharel e Licenciada em Ciências Sociais (UFPe), Mestranda em Desenvolvimento Rural (PGDR/UFRGS). Bolsista Capes. E-mail: josi_wedig@yahoo.com.br

Renata Menasche. Doutora em Antropologia Social (UFRGS). Professora do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Pelotas (UFPe) e do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) E-mail: renata.menasche@pq.cnpq.br

² Os nomes aqui utilizados são fictícios, de modo a preservar a identidade dos interlocutores ouvidos para esta pesquisa.

¹ Texto recebido: 05/11/2008.
Texto aprovado: 10/11/2008.

of the components in the familial hierarchy and those that organize their food and foodways. Based on previous studies focusing on this issue, the authors analyze data elicited in ethnographic research conducted with peasant families.

Keywords: gender. Food. Peasantry.

Introdução

A organização das mais diversas sociedades está permeada por classificações que envolvem hierarquizações, que, segundo Dumont³, não se confundem com autoridade e poder – ainda que possam, em determinados casos, estar a esses relacionadas – mas oposição, distinção, identidade e gradação.

Partindo desse entendimento, procuramos apreender as classificações e hierarquizações que camponeses realizam sobre os alimentos que produzem e consomem, relacionando-as àquelas que realizam sobre si mesmos, sobre os demais membros da família e da comunidade.

Tomamos como ponto de partida as abordagens que, a partir de Lévi-Strauss, concebem os alimentos não apenas como bons para serem comidos, mas também como bons para pensar. Comungamos com Woortmann⁴, quando aponta que quando os camponeses falam sobre a comida, falam também de trabalho, de família, de homens e mulheres. E é assim que sugerimos a possibilidade de observar as mudanças e permanências ocorridas nos últimos anos no meio rural – relacionadas, cabe mencionar, a processos que têm transformado, em boa medida, a vida e o trabalho dos que lá habitam, tais como os associados à expansão das tecnologias de comunicação e transporte, que tem reduzido a distância material e simbólica entre campo

³ DUMONT, L. *Homo Hierarquias: o sistema de castas e suas implicações*. São Paulo: EDUSP, 1992 [1997].

⁴ WOORTMANN, K. A comida, a família e a construção do gênero feminino. *Série Antropologia*, Brasília, 50, 1985.

e cidade, ou àqueles como a extensão das aposentadorias rurais às mulheres ou à incorporação da perspectiva de gênero por movimentos sociais rurais ou, ainda, ao acesso por jovens e mulheres a instrumentos de políticas públicas dirigidas ao rural – a partir do olhar sobre a comida.

Entendendo a comida a partir da abordagem que privilegia o simbólico é que se traçam, neste artigo, paralelos entre as classificações observadas em referência à produção e consumo de alimentos, relacionando-as às classificações das pessoas no interior da família camponesa. A comida apresenta-se, assim, como possibilidade de ler a hierarquia familiar. A reflexão aqui empreendida é fruto de pesquisa etnográfica realizada junto a camponeses na região do Vale do Taquari, Rio Grande do Sul, bem como de inspiração em estudos antropológicos sobre gênero, campesinato e classificações alimentares.

Da comunidade de Fazenda Lohmann e da pesquisa de campo

A localidade rural em que a pesquisa foi realizada denomina-se Fazenda Lohmann e está situada no interior do município de Roca Sales, na região do Vale do Taquari, Rio Grande do Sul. A observação participante e entrevistas foram, em um primeiro momento, realizadas no período compreendido entre 2004 e 2005, no âmbito do projeto de pesquisa intitulado “A multifuncionalidade da agricultura familiar à mesa: hábitos alimentares e produção para o autoconsumo, identidade e estratégias de reprodução social de famílias rurais”⁵, trabalho que teve continuidade em 2007 e 2008, a partir de uma pesquisa de mestrado, por sua vez articulada ao projeto de pesquisa Percepções do rural: um estudo a partir da Antropologia da Alimentação⁶.

A constituição étnica fortemente predominante na comunidade pesquisada é de descendentes de

⁵ CNPq 503566/03-09

⁶ CNPq 400348/2006-3

⁷ GRAVIRIA MEJIA, M.; MENASCHE, R. A juventude rural no desenvolvimento territorial: análise da posição e do papel dos jovens no processo de transformação do campo. *Estado & Debate*, Lajeado, 13(1), p. 69-82, 2006.

⁸ Fazenda Lohmann situa-se na fronteira dos municípios de Roca Sales e Colinas.

⁹ Para essa discussão, cabe lembrar a distinção entre “território dado” e “território constituído” (ver: Haesbaert, 2004).

¹⁰ A OASE – Ordem Auxiliadora de Senhoras Evangélicas, é um grupo de mulheres ligado à IECLB, que se reúne para estudos bíblicos, interação com grupos de mulheres de outras comunidades e assistência a doentes.

¹¹ Depois do fechamento da escola comunitária, as crianças passaram a serem transportadas, pelo ônibus da prefeitura, para escolas localizadas na cidade de Roca Sales.

imigrantes alemães, informação que consideramos importante na medida em que corroboramos com Gaviria e Menasche⁷ que, em estudo realizado na mesma região, apontam que a identidade étnica é ali constantemente invocada pela utilização dos dialetos, por meio dos quais se realizam os assuntos cotidianos e a sociabilidade local, assim como se manifestam os valores que perpassam as relações sociais, evidenciando a associação entre esses elementos identitários e um modo de vida rural.

O número de famílias que constitui a comunidade é difícil de precisar, já que o que é entendido como comunidade de Fazenda Lohmann para as administrações públicas municipais⁸ não coincide com os pertencimentos estabelecidos na classificação das famílias membros da comunidade⁹. Quando perguntadas sobre quantas pessoas fazem parte da comunidade, as pessoas apontam sempre que para saber precisamente dever-se-ia olhar no registro do livro da igreja, mas que seriam cerca de 120 famílias. Registra-se que, para as famílias entrevistadas, existe uma forte identificação da concepção de comunidade com a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB), que ocupa um espaço social central na comunidade. A grande maioria das famílias pertence a essa igreja.

Ao lado da IECLB, localiza-se o cemitério, uma casa comercial, um bar com cancha de bocha. Em frente a ela, vemos o salão comunitário (onde são realizadas as festas, os encontros da OASE¹⁰, do Clube de Mães etc). Ao lado do salão, está a antiga escola comunitária¹¹ (que hoje está desativada e serve de residência para uma família, que paga aluguel para a Associação de Pais e Mestres, que continua ativa e busca conservar o espaço físico da escola como bem da comunidade). Atrás do salão, está o campo de futebol. Cabe comentar que os espaços comunitários (igreja, escola, salão, campo de futebol) foram construídos coletivamente e têm diretorias eleitas. Além dessas,

existem ainda as organizações comunitárias correspondentes à água e ao telefone rural comunitário, sendo que a da água é referente a dois poços que foram perfurados coletivamente e que hoje fornecem água potável para toda a comunidade, enquanto que com relação ao telefone rural comunitário, há uma central telefônica, que recebe as ligações eletronicamente e as repassa para os ramais instalados na comunidade. Há, ainda, o coral comunitário, fundado em 1914. A maior parte das famílias da comunidade participa de alguma das diretorias.

Na comunidade de Fazenda Lohmann, existem apenas pequenas propriedades, sendo que a maioria delas encontra-se na faixa entre 5 e 15 hectares. O trabalho na agricultura dá-se para a produção de alimentos para o consumo familiar e também para a comercialização. Entre os itens destinados ao consumo familiar, são destacados mandioca, batata-doce, abóbora, além da criação de galinhas caipiras (para carne e ovos), vacas (para leite e derivados), porcos e bovinos (para carne). Para a comercialização, considerável número de famílias participa do sistema de integração de criação de porcos e aves para agroindústrias, assim como realiza produção de leite destinada à indústria de laticínios, produção mecanizada de milho e soja, além de produtos que são vendidos para *conhecidos* que vêm da cidade, como, por exemplo, o melado, produzido a partir da cana-de-açúcar por algumas famílias¹².

Assim como vem acontecendo em outras regiões de agricultura colonial do sul do País, em Fazenda Lohmann tem ocorrido, nas últimas décadas, um processo de redução e envelhecimento – e, vale também mencionar, masculinização – da população rural, resultante da migração de famílias e jovens do campo para a cidade, bem como da diminuição do número de filhos(as) por família. Observou-se que, na comunidade estudada, a população é constituída

¹² MENASCHE, R.; SCHMITZ, L. C. Agricultores de origem alemã, trabalho e vida: saberes e práticas em mudança em uma comunidade rural gaúcha. In: MENASCHE, R. (Org.). *A agricultura familiar à mesa: saberes e práticas da alimentação no Vale do Taquari*. Porto alegre: UFRGS, 2007, p. 78-98.

¹³ Em estudo anteriormente realizado nessa comunidade, Menasche e Schmitz (2007) destacam a ocorrência de aposentadoria(s) como componente da renda em mais da metade das famílias rurais estudadas, comentando, ainda, que “à exceção de um único casal mais jovem, a faixa etária média dos casais que constituem as vinte famílias rurais de Fazenda Lohmann estudadas seria de 55-60 anos para os homens e 50-55 anos para as mulheres”.

¹⁴ HEREDIA, Beatriz; GARCIA, Marie France; GARCIA JR., Afrânio. O lugar da mulher em unidades domésticas camponesas. In: AGUIAR, Neuma (Coord.). *Mulheres na força de trabalho na América Latina*. Petrópolis: Vozes, 1984; PAULILO, Maria Ignez Silveira. O peso do trabalho leve. *Ciência Hoje*, 5(28), p. 64-71, 1987; WOORTMANN, Ellen F.; WOORTMANN, Klaas. *O trabalho da terra: a lógica e a simbólica da lavoura camponesa*. Brasília: UNB, 1997.

por um número significativo de agricultores e agricultoras aposentados(as)¹³. Do mesmo modo, verificou-se a quase ausência de jovens no trabalho agrícola, dado ser comum que mesmo quando residem na casa paterna dedicam-se a ocupações não-agrícolas.

Trabalho e hierarquia

Como já apontado acima, as propriedades rurais que fizeram parte de nosso universo de pesquisa são de pequena extensão e nelas utiliza-se primordialmente mão-de-obra familiar. Observamos no contexto desta pesquisa o que antes foi evidenciado em diversos estudos – ver, especialmente, Heredia *et al.*, Paulilo, Woortmann e Woortmann¹⁴ –, a saber: há uma organização do trabalho que se estabelece a partir das diferenças de gênero e geração, em que o homem (pai), a mulher (mãe), os filhos, as filhas, os avós e avós se ocupam de atividades diferenciadas, umas mais valorizadas do que outras, ocorrendo, assim, uma hierarquização do trabalho, associada a uma hierarquização de pessoas.

O estudo de Paulilo é particularmente ilustrativo dessa valoração diferenciada: a autora mostra que o trabalho é considerado *leve* ou *pesado* dependendo de quem o realiza, ou seja, as diferentes atividades são valoradas a partir da classificação hierárquica dos membros da família que as realizam. Assim é que entre os agricultores estudados pela autora, são *leves* as tarefas realizadas pelas mulheres, enquanto que são consideradas *pesadas* aquelas desempenhadas pelos homens.

Em sentido idêntico, no estudo realizado anteriormente por Heredia *et al.*, no contexto de pequenos produtores nordestinos, os autores assinalam que esses camponeses classificam o roçado como espaço de domínio do pai de família, ao passo que o domínio da mulher, mãe de família, é a casa, traduzindo-se assim a oposição roçado-casa em uma

diferenciação de gênero. E aí, ainda que as mulheres, bem como os filhos, realizem o mesmo trabalho que os homens, simbolicamente elas apenas *ajudam*, enquanto que quem *trabalha* é o pai.

Ao abordar a questão dos espaços construídos, torna-se claro a oposição, simultânea à complementaridade, entre o *fora* e o *dentro*, espaço construído e espaço não construído. Neste contexto, a cozinha (dentro) é um espaço essencialmente da mulher e mais precisamente da mãe de família, que coordena esse espaço com o auxílio das filhas. Já a *roça*, a *lavoura*, os aviários e chiqueiros (fora) são de domínio masculino.

Como apontado em estudos anteriores, pudemos observar no universo desta pesquisa que no espaço de *fora*, domínio masculino, as mulheres (mãe) e crianças (filhos) apenas *ajudam*. Do mesmo modo que apontado por Woortmann e Woortmann¹⁵, aqui *fora* é o espaço do homem, ele produz os alimentos para *fora*, para o mercado. Já as mulheres trazem os alimentos de *fora* para *dentro*, ou seja, do domínio do roçado para a casa, onde serão transformados em comida.

Quando as mulheres agricultoras com quem conversamos se referem à divisão de tarefas, elas contam que são inteiramente responsáveis pela preparação das refeições da família. Mesmo que ambos, homem e mulher, trabalhem o mesmo tempo no roçado, a responsabilidade da preparação das refeições é das mulheres. Elas salientam que os maridos a *ajudam* na cozinha, enquanto que elas os *ajudam* no roçado. Essa *ajuda* dos homens na cozinha não se refere ao cozinhar – são sempre elas que cozinham –, mas, em algumas situações, a arrumar a mesa ou enxugar a louça: *elas não sabem cozinhar*, nos contam. No caso da *roça*, a mulher *ajuda*, mas quem faz as negociações externas, ou seja, a aquisição de insumos e sementes, entre outras atividades, bem como realiza as vendas, é o homem.

Do mesmo modo, pudemos observar no contexto de pesquisa que o trabalho da casa cabe à mulher (mãe,

¹⁵ WOORTMANN, K., 1997. *Op. cit.*

filha, avó). Esse trabalho inclui a preparação de alimentos, a limpeza da casa, o reparo das roupas, o cuidado com os arredores da casa (horta e jardim), o trato dos animais de pequeno porte como as galinhas, patos e coelhos que ficam nos arredores da casa. A casa, e no interior dela a cozinha é identificada como espaço de domínio feminino, sendo que a alimentação da família é de responsabilidade da mãe de família. Esse elemento foi identificado anteriormente na pesquisa coordenada por Klass Woortmann¹⁶, junto a grupos sociais de baixa renda rurais e urbanos, em que é evidenciado que há uma divisão sexual do trabalho no âmbito do grupo doméstico, em que compete à mulher realizar certos serviços e produzir certos bens, assim como gerenciar o regime alimentar da família, sendo ela quem determina quem come o quê e quando. Woortmann¹⁷ aponta ainda que:

¹⁶ Klass Woortmann, 1978. *Op. cit.*

¹⁷ Woortmann (1985). *Op. cit.*

Em todos os grupos sociais sobre os quais existem estudos de práticas alimentares, as refeições são preparadas pela mãe de família. Na divisão do trabalho familiar o domínio culinário é feminino. É no âmbito da refeição que a mãe exerce sua autoridade e controle, determinando, dentro das possibilidades geradas pelo trabalho do pai, o que irá compor a refeição e como esta será distribuída entre os membros da família.¹⁸

¹⁸ *Idem*, p.12.

Por outro lado, o trabalho do roçado, como apontado no estudo de Moura¹⁹ entre sítiantes mineiros e como também observado no contexto aqui analisado, é masculino, cabendo ao pai e aos filhos. Essa atividade envolve a compra de insumos externos, produzir e negociar (venda da produção).

¹⁹ MOURA, M. M. *Os berdeiros da terra: parentesco e herança numa área rural*. São Paulo: Hucitec, 1978.

No contexto de nossa pesquisa, as mulheres acompanham cotidianamente seus maridos e filhos na roça, mas mesmo realizando as mesmas tarefas que os homens no roçado, o trabalho delas é entendido como *ajuda*, já que o domínio da roça, em termos de classificação simbólica, é espaço masculino.

Um outro elemento observado junto a nossos interlocutores, anteriormente observado por Zanetti e Menasche²⁰ em pesquisa realizada também no Vale do Taquari mas em comunidade rural constituída por descendentes de imigrantes italianos, é que as mulheres estão mais voltadas para a produção para o consumo familiar, enquanto que os produtos destinados à comercialização e que empregam mais tecnologia são de responsabilidade dos homens.

É, pois, a partir dessas inúmeras classificações que hierarquizam espaços e coisas, que vão também sendo classificadas as pessoas e mais precisamente homens e mulheres.

A comida enquanto texto cultural

Parte-se, tal como proposto por Woortmann²¹, da premissa de que a comida, para além de suas propriedades de manutenção do corpo biológico, alimenta também o corpo social, expressando uma dimensão simbólica – ou então, para além de sua materialidade, ela pode ser entendida como um texto que fala da organização familiar e comunitária camponesa, expressando relações de gênero e geração.

Como observado pelo antropólogo Roberto da Matta (1987), em toda a parte os homens têm que comer, mas cada sociedade define a seu modo o que é a comida, sendo que essas escolhas expressam características e diferenciações culturais entre os grupos e de seus membros. Também Klass Woortmann (1985), a partir de seus estudos sobre comida, gênero e família, aponta em referência às classificações operadas pelos grupos que dentre uma variedade de alimentos possíveis, são realizadas escolhas: para cada tipo de pessoa, em cada estágio da vida. Assim é que os hábitos alimentares podem ser tomados como demarcadores de identidades.

Inúmeros autores no campo das ciências sociais já se referiram às classificações alimentares nas mais

²⁰ ZANETTI, Cândia; MENASCHE, Renata. Segurança alimentar, substantivo feminino: mulheres agricultoras e autoconsumo. In: MENASCHE, Renata (Org.). *A agricultura familiar à mesa: saberes e práticas da alimentação no Vale do Taquari*. Porto Alegre: UFRGS, 2007, p. 130-141.

²¹ Woortmann (1985). *Op. cit.*

diversas sociedades, enfocando seu uso ritual, as prescrições relativas aos corpos dos que consomem, a divisão do trabalho que envolve a produção etc. Um dos autores clássicos da antropologia que se dedicou ao tema foi Claude Lévi-Strauss²², para quem a cozinha constitui uma atividade humana universal, dado que todas as sociedades cozinham pelo menos alguns de seus alimentos.

²² LÉVI-STRAUSS, Claude. O triângulo culinário. In: SIMONIS, Yvan. *Introdução ao estruturalismo*: Claude Lévi-Strauss ou “a paixão do incesto?”. Lisboa: Moraes, 1979 [1968] p.169-176.

Para Woortmann²³, a cozinha é o local em que ocorre a transformação do alimento em comida, o que representa a separação entre natureza e cultura e, como veremos, entre homens e mulheres.

²³ Woortmann (1985). *Op. cit.*

Esses elementos nos fazem pensar que a cozinha de uma sociedade permite o conhecimento de outras dimensões daquela sociedade, como ensina Lévi-Strauss: a partir dela, é possível o estabelecimento de outras relações com a estrutura da sociedade, de natureza sociológica, econômica, estética ou religiosa, envolvendo homens e mulheres, família e sociedade, economia e prodigalidade, sagrado e profano etc. Desse modo é que Lévi-Strauss aponta que a cozinha de uma sociedade é uma linguagem a partir da qual traduz-se inconscientemente sua estrutura.

Comida e hierarquia

Como indicado anteriormente, todas as sociedades operam classificações e hierarquizações, que evoluem tempo, espaço, homens e mulheres etc. E, nesse sentido, nos remetemos a Woortmann²⁴, que assinala que as refeições das famílias camponesas que estuda se caracterizam não apenas como ato de comer, mas igualmente como ato ritual, como rito social que reproduz simbolicamente a hierarquia da família: a cada refeição, a família alimenta não apenas seus corpos, mas também suas representações.

²⁴ *Idem.*

No estudo realizado por Woortmann e Woortmann²⁵ entre sítiantes sergipanos, eles observaram que o homem é identificado pelo

²⁵ Woortmann e Woortmann (1997). *Op. cit.*

trabalho *pesado*, que é por ele realizado por ser *forte*. E – aqui associam a classificação dos alimentos – sendo *forte*, o homem necessita de comida *forte*, *comida de trabalho*. Essa classificação entre comida *forte* e *fraca*, foi expressa anteriormente no trabalho de Brandão²⁶, que estudou os lavradores de Mossâmedes (Goiás), que consideram comida forte aquela que tem *sustança* ou seja, a que dá a sensação de saciedade. A comida é também classificada segundo sua procedência, a comida da roça em oposição à da cidade, um tempo de homens fortes da época da fartura, em oposição àquela de penúria, em que adquirem a comida no comércio da cidade. Nas situações de pesquisa por nós experienciadas, pôde-se observar essa relação. Ao perguntarmos às mulheres sobre seu trabalho, elas relataram que realizam as mesmas atividades dos homens – “fizemos tudo juntos”. Mas, ao seguirmos indagando “quem cozinha?”, a resposta era “só eu”. E ao serem questionadas sobre as diferenças entre as comidas de homens e mulheres, ouvimos respostas do tipo “não tem diferença, só que os homens comem mais que as mulheres, eles trabalham no pesado”. Aqui podemos observar como essas relações remetem a hierarquias do trabalho e da comida, relacionadas à hierarquia de gênero.

Um outro tipo de oposição nas classificações alimentares, apontada em alguns estudos, demonstram haver uma oposição entre *comida* e *mistura*. Moura²⁷, em contexto de estudo realizado em Minas Gerais, ressalta que as *misturas* entrariam em pequena escala nas refeições, o que encontraria correspondência no fato de seu plantio ser proporcionalmente menor ou em constituírem produtos adquiridos no mercado, mediante a utilização de dinheiro.

Woortmann²⁸ também aponta a oposição entre *comida* e *mistura*, salientando que aquilo que, entre seus interlocutores, é considerado *comida*, vem do roçado, domínio masculino; enquanto que a *mistura* tem origem no quintal, domínio feminino. Assim,

²⁶ BRANDÃO, C. R. *Plantar, colher, comer: um estudo sobre o campesinato goiano*. Rio de Janeiro: Graal, 1981.

²⁷ Moura. *Op. cit.*

²⁸ WOORTMANN, Klaas. O sentido simbólico das práticas alimentares. In: ARAÚJO, W. M.C.; TENSER, C.M.R. (Org.). *Gastronomia: cortes e recortes*. Brasília: Senac, 2006, p. 23-55.

Se atentarmos para a hierarquia dos alimentos, na qual a comida ocupa a posição superior e a mistura a inferior, teremos posta no prato a hierarquia entre os domínios do pai e da mãe e, ao mesmo tempo, a relação entre trabalho e não-trabalho.²⁹

²⁹ WOORTMANN, Klaas. O sentido simbólico das práticas alimentares. In: ARAÚJO, W. M.C.; TENSER, C.M.R. (Org.). *Gastronomia: cortes e recortes*. Brasília: Senac, 2006, p. 31.

³⁰ Woortmann (1985). *Op. cit.*

Nos grupos estudados por Woortmann³⁰, ele identificou um outro ponto essencial em relação a essas classificações: aquele que estabelece a distinção entre *comida* e *mantimento*, sendo o segundo referente àquilo que, no processo culinário, se transforma na primeira. O processo de produção da comida envolve divisões de papéis entre homens e mulheres. Nos grupos camponeses estudados pelo autor, o mantimento é produto do roçado, armazenado na sala ou no galpão, espaços que se caracterizam como pertencentes ao domínio masculino. O mantimento torna-se comida ao ser *queimado*, na cozinha, espaço de domínio feminino.

A casa em relação ao sítio, ou ao lote, é de domínio do feminino, assim como o roçado é de domínio do masculino. Segundo Woortmann e Woortmann³¹, essa relação se replica no interior da casa, onde a cozinha é de domínio feminino e a sala de domínio masculino.

³¹ Woortmann e Woortmann (1997). *Op. cit.*

Em outro estudo, referente a alimentos consumidos e comercializados por famílias rurais do Vale do Taquari, Zanetti e Menasche³² apontam que os alimentos produzidos a partir do trabalho feminino, para o autoconsumo da família, são considerados *miudezas*. Já os alimentos valorizados comercialmente costumam ser produzido sob responsabilidade dos homens, indicando, assim, que a hierarquia dos alimentos, como dos espaços em que se realiza sua produção, corresponderiam à hierarquia no interior da família.

³² Menasche (2007). *Op. cit.*

Em um trabalho que em nada se relaciona com o universo camponês, Wood³³ indica que as diferenças de *status* e poder refletem-se também na distribuição de alimentos, sendo as refeições momentos em que são evidenciadas as diferenças nas relações sociais. Esse

³³ Wood (2005)WOOD, R. C. Gênero e paladar gastronômico. In: SLOAN, D. (Org.). *gastronomia, restaurantes e comportamento do consumidor*. Barueri (SP): Manole, 2005, p. 153-174.

autor mostra, assim, que a responsabilidade das mulheres pelas refeições extrapola seu simples preparo, dado incluir o atendimento às preferências alimentares da família, sobretudo as do marido, consideradas prioritárias. Na pesquisa aqui apresentada, ao serem indagadas sobre alimentos que não comem, várias das mulheres agricultoras mencionaram alimentos que apreciam, mas que não são preparados em suas casas, em razão do gosto dos maridos, que rejeitam o alimento em questão.

Em Fazenda Lohmann a *comida*³⁴ é aquilo que faz parte dos alimentos consumidos principalmente ao meio-dia, que é a refeição caracterizada por ser *forte*, já que se encontra entre dois períodos de trabalho. Os agricultores referem-se às refeições da manhã e da noite como *café*³⁵, salientando que *comida* é só consumida no almoço. O termo *mindezas*³⁶ é usado para designar os produtos que vêm da horta e do comércio, em oposição a *comida*, que vem da roça ou do potreiro (no caso da carne).

A oposição entre *comida* e *mindezas* é observada com relação à carne, sendo que a carne de boi ocupa posição superior na hierarquia dos alimentos entre os camponeses. A responsabilidade de *carnear*³⁷ e da preparação dessa carne é de responsabilidade do pai de família.

Carne e Gênero

Observamos entre as famílias rurais estudadas que as mulheres (mãe) e as filhas são responsáveis pela preparação dos alimentos consumidos pela família. A exceção fica por conta da refeição de domingo, quando o prato principal é o churrasco, preparado pelos homens (pai). Ressalta-se que a carne é considerada comida *forte* e, nesse sentido, está simbolicamente relacionada ao pai, também considerado o elemento *forte* da família. A carne também é o alimento mais intensamente valorizado

³⁴ Utilizam o termo em alemão *Essen*.

³⁵ Utilizam o termo em alemão *Kaffee*.

³⁶ Utilizam o termo em alemão *Kleinigkeiten*.

³⁷ Carnear é o termo utilizado pelos agricultores para designar as atividades que se realizam em torno do abate de um boi ou porco. É um momento ritual, que envolve festividade e reciprocidade no compartilhar as carnes e derivados entre a família, vizinhos e parentes.

culturalmente. Isso foi observado nas situações de pesquisa, em que mesmo as famílias que nos últimos anos têm deixado de produzir alguns alimentos, passando a adquiri-los no mercado, mantêm a criação de animais para a produção da carne.

O domingo é o dia de semana mais importante: é o dia de ir ao culto, de receber visitas, de descansar. Nesse dia, é assada a carne, alimento culturalmente mais valorizado³⁸. O assador da carne é o homem, que ocupa o papel central no interior da família.

Relacionam-se, assim, as classificações do tempo, dos alimentos, do espaço e das pessoas. No almoço de domingo, as mulheres preparam as saladas, a cuca³⁹ e o pão, que irão acompanhar o prato principal: a carne. Assim, também na relação entre o prato principal, preparado pelo homem, e o acompanhamento da salada, preparado pela mulher, traduz-se a hierarquia que separa o pai e a mãe.

Esse elemento de hierarquização dos domínios do homem e da mulher referente à carne pode também ser observado no ritual de *carnear* os animais. Quando este ritual é realizado na casa de uma família, os adultos (homens e mulheres) da vizinhança próxima são chamados para auxiliar, o que envolve princípios de reciprocidade. Como também observou Nogueira⁴⁰, em contexto de abate de porco em Portugal, o ritual envolve convívio e fortalecimento de laços familiares e de vizinhança, através da doação de carnes e derivados, através do momento festivo do ritual de sacrifício e através dos auxílios retribuídos.

No ritual de abate do boi em Fazenda Lohmann, as atividades iniciam pela manhã, quando os homens prendem o animal e o matam. As mulheres e crianças não participam desse primeiro momento, em razão de serem consideradas mais emotivas e dado que, como nos contam nossos interlocutores, “para o animal não sofrer não se deve ter pena”. Depois de morto o animal, os homens retiram o couro e o abrem, removendo todas as vísceras. É aí que começa o

³⁸ A respeito das dimensões simbólicas do churrasco no Rio Grande do Sul (ver: MACIEL, M. E. Churrasco à gaúcha. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, 2(4), p. 34-48, 1996).

³⁹ Espécie de pão doce feito com ovos, farinha de trigo, fermento, gordura e açúcar, com recheios e cobertura diversos, característico da culinária alemã.

⁴⁰ NOGUEIRA, Sandra. Da banca da matança aos enchidos: a festa e os rituais de transformação do porco em alimento. *Mneme*, 5(9), 2004. Disponível em: <http://www.cerescaico.ufrn.br/mneme/ed9/050.pdf>.

trabalho das mulheres, que ficam responsáveis pelas *miudezas*, nome atribuído pelo grupo às vísceras. Do mesmo modo que observado por Nogueira⁴¹ em seu estudo sobre o ritual de matança do porco em Portugal, pudemos observar, quando do abate do boi em Fazenda Lohmann, que a atividade é fracionada em momentos particularmente femininos ou masculinos e cada um dos gêneros mantém-se a parte das tarefas que cabem ao outro.

⁴¹ *Idem.*

Observa-se, assim, uma nítida divisão de tarefas entre homens e mulheres, sendo os homens responsáveis por partir a carne (alimento mais valorizado), enquanto que as mulheres ocupam-se das vísceras (alimento menos valorizado). Se atentarmos para essa divisão, teremos novamente presente, também neste ritual, a hierarquização entre homens e mulheres.

Mudanças de hábitos

Com base nos estudos aqui referidos e a partir da pesquisa realizada, este trabalho procurou apreender as classificações estabelecidas pelos agricultores e agricultoras quanto à comida que produzem e consomem, bem como suas relações com as classificações que operam de si mesmos, de como e onde vivem e do que fazem.

Algumas transformações vêm sendo identificadas nas práticas alimentares das famílias, principalmente no que se refere à presença cada vez maior de alimentos industrializados. No Vale do Taquari, isso se dá principalmente em razão das unidades de produção estarem cada vez mais voltadas à especialização, ou seja, aviários, chiqueiros e cultivo comercial de soja e milho. Também, a renda proveniente das aposentadorias rurais passou a viabilizar o acesso a alimentos adquiridos.

Para as mulheres agricultoras, a aquisição de alimentos industrializados possibilitou uma redução

do trabalho doméstico. Isso não quer dizer que não se produza diversidade de alimentos no meio rural, mas sim que muitos dos alimentos que anteriormente eram produzidos na propriedade passaram a ser comprados. Como já apontado anteriormente, mesmo que grande parte dos alimentos sejam adquiridos pré-preparados, a carne, considerada como o alimento mais *forte*, permanece sendo produzida pelas famílias rurais. A presença do pai exige que não falte a carne para a família e que essa seja produzida na propriedade: essa produção evidencia a honra do pai.

Um outro fator de diferenciação entre homens e mulheres, estabelecendo um paralelo com a comida, é percebido nas festas de aniversário, realizadas em casa. Nos aniversários dos homens (pai), é servido o churrasco, sendo que o pai assa a carne para receber amigos e parentes. A abundância de carne fala da honra do pai. Já nos aniversários das mulheres (mãe), são feitas tortas, sobremesas e salgadinhos, para receber amigos e parentes. Nesse sentido, essa comida fala das habilidades culinárias da mãe e, assim, fala de sua honra.

Temos, assim, que a família rural se constitui socialmente, por meio da relação de seus membros, relação que se expressa simbolicamente, também através da comida.

Referências

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Plantar, colher, comer*: um estudo sobre o campesinato goiano. Rio de Janeiro: Graal, 1981.

DA MATTA, Roberto. Sobre o simbolismo da comida no Brasil. *O Correio da Unesco*, Rio de Janeiro, 15(7), p.22-23, 1987.

DUMONT, Louis. *Homo Hierarquicus*: o sistema de castas e suas implicações. São Paulo: EDUSP, 1992 [1997].

GAVIRIA MEJIA, Margarita; MENASCHE, Renata. A juventude rural no desenvolvimento territorial: análise da posição e do papel dos jovens no processo de transformação do campo. *Estudo e Debate*, Lajeado, 13(1), p.69-82, 2006.

HEREDIA, Beatriz; GARCIA, Marie France; GARCIA JR., Afrânio. O lugar da mulher em unidades domésticas camponesas. In: AGUIAR, Neuma (Coord.). *Mulheres na força de trabalho na América Latina*. Petrópolis: Vozes, 1984.

LÉVI-STRAUSS, Claude. O triângulo culinário. In: SIMONIS, Yvan. *Introdução ao estruturalismo*: Claude Lévi-Strauss ou “a paixão do incesto”. Lisboa: Moraes, 1979 [1968] p.169-176.

MACIEL, Maria Eunice. Churrasco à gaúcha. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, 2(4), p.34-48, 1996.

MENASCHE, Renata; SCHMITZ, Leila Claudete. Agricultores de origem alemã, trabalho e vida: saberes e práticas em mudança em uma comunidade rural gaúcha. In: MENASCHE, Renata (Org.). *A agricultura familiar à mesa: saberes e práticas da alimentação no Vale do Taquari*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2007, p. 78-98.

MOURA, Margarida Maria. *Os herdeiros da terra: parentesco e herança numa área rural*. São Paulo: Hucitec, 1978.

NOGUEIRA, Sandra. Da banca da matança aos enchidos: a festa e os rituais de transformação do porco em alimento. *Mneme*, 5(9), 2004. Disponível em: <http://www.cerescaico.ufrn.br/mneme/ed9/050.pdf>

PAULILO, Maria Ignez Silveira. O peso do trabalho leve. *Ciência Hoje*, 5(28), p. 64-71, 1987.

WOOD, Roy C. Gênero e paladar gastronômico. In: SLOAN, Donald (Org.). *Gastronomia, restaurantes e comportamento do consumidor*. Barueri (SP): Manole, 2005, p. 153-174.

WOORTMANN, Ellen F.; WOORTMANN, Klaas. *O trabalho da terra: a lógica e a simbólica da lavoura camponesa*. Brasília: UNB, 1997.

WOORTMANN, Klaas. Hábitos e ideologias alimentares em grupos sociais de baixa renda: relatório final. *Série Antropologia*, Brasília, 20, 1978.

_____. A comida, a família e a construção do gênero feminino. *Série Antropologia*, Brasília, 50, 1985.

_____. “Com parente não se neguecia”: o campesinato como ordem moral. *Anuário Antropológico*, Rio de Janeiro, 87, 1990.

_____. O sentido simbólico das práticas alimentares. In: ARAÚJO, W. M.C.; TENSER, C.M.R. (Org.). *Gastronomia: cortes e recortes*. Brasília: Senac, 2006, p. 23-55.

ZANETTI, Cândida; MENASCHE, Renata. Segurança alimentar, substantivo feminino: mulheres agricultoras e autoconsumo. In: MENASCHE, Renata (Org.). *A agricultura familiar à mesa: saberes e práticas da alimentação no Vale do Taquari*. Porto Alegre: UFRGS, 2007, p. 130-141.